

A ESQUERDA E OS PARTIDOS

Luiz Carlos Bresser Pereira

(*Folha de S.Paulo*, 19/10/93)

Abstract: O governador Leonel Brizola aventurou-se a definir nesta *Folha* (17.10) quais são os partidos de esquerda e de direita no Brasil. Mas, ao fazê-lo esqueceu-se que esta dicotomia só faz sentido em nosso país se for combinada com uma outra: ser moderno ou ser populista. Há dez anos atrás a outra dicotomia relevante era ser democrático ou ser autoritário, porque havia uma direita democrática e uma direita autoritária, como havia uma esquerda democrática e uma esquerda autoritária. Hoje, depois que o autoritarismo foi derrotado, o que importa é saber se a direita é moderna ou populista e se a esquerda é moderna ou populista.

O governador Leonel Brizola aventurou-se a definir nesta *Folha* (17.10) quais são os partidos de esquerda e de direita no Brasil. Mas, ao fazê-lo esqueceu-se que esta dicotomia só faz sentido em nosso país se for combinada com uma outra: ser moderno ou ser populista. Há dez anos atrás a outra dicotomia relevante era ser democrático ou ser autoritário, porque havia uma direita democrática e uma direita autoritária, como havia uma esquerda democrática e uma esquerda autoritária. Hoje, depois que o autoritarismo foi derrotado, o que importa é saber se a direita é moderna ou populista e se a esquerda é moderna ou populista.

A estratégia retórica da direita é afirmar que a esquerda é sempre populista e autoritária, da mesma forma que a retórica da esquerda é pretender que a direita seja sempre autoritária. Ambas afirmações são falsas. Por outro lado, a esquerda populista - da qual o governador do Rio é digno representante - confunde uma visão de esquerda moderna e moderada com direita. É isto que o leva a afirmar que o PSDB é uma nova expressão da elite conservadora, quando, na verdade, é um partido de centro-esquerda moderno.

A identificação retórica da esquerda com o autoritarismo foi realizada pela direita com êxito no momento do colapso do comunismo. Embora a esquerda democrática e moderna estivesse há anos criticando o estatismo comunista, o entendimento geral foi de que toda a esquerda estava em crise. Na verdade, quem estava em crise era a esquerda autoritária, como, quando do colapso do nazismo e do fascismo na Europa, ou do regime militar, no Brasil, quem entrara em grave crise fora a direita autoritária.

A identificação retórica da esquerda com o populismo é hoje a estratégia preferida da direita, embora estejamos cansados de ver governos e partidos populistas de direita. Basta lembrar que Perón foi um populista de direita; que o regime militar brasileiro enfrentou o segundo choque de petróleo e o choque da taxa de juros, em 1979, em termos populistas clássicos; e que o PFL, o PTB e o PMDB de Quécia e Fleury são hoje no Brasil exemplos de partidos populistas de direita. Em contrapartida, os exemplos de partidos de esquerda modernos, que realizam reformas econômicas exemplares são muitos. Um estudo realizado nos anos 80, comparando a performance de partidos social-democratas e conservadores quando no governo, nos países europeus, entre 1960 e 1980, verificou que os partidos de esquerda conseguiam melhores resultados em termos de crescimento e de desemprego e resultados iguais aos obtidos pelos partidos conservadores quanto à inflação. Recentemente participei de um conferência internacional em Washington sobre reformas econômicas bem sucedidas. De repente, um dos participantes observou, indevidamente surpreendido: "Mas a maioria das reformas que estão sendo aqui apresentadas foram realizadas por partidos de esquerda!" De fato, ali estavam sendo apresentadas as reformas realizadas na Espanha de Gonzales, no Portugal de Mário Soares, na Dinamarca, na Austrália e na Nova Zelândia governadas por partidos social-democratas.

Há alguns anos preocupo-me em distinguir a esquerda moderna da populista. A distinção entre esquerda e direita é clara. É de esquerda quem está disposto a arriscar a ordem em nome da justiça. É de direita que coloca a ordem - e portanto os interesses estabelecidos - como prioridade em relação à justiça. O conservador está sempre disposto a sacrificar a justiça e a própria democracia em nome da ordem. Por isso apoia com facilidade os novos ditadores que vêm restabelecer a ordem, sejam eles Castelo Branco, Fujimori ou Ieltsin. Por isso temem os movimentos sociais e as reivindicações populares que põem a ordem em risco. O progressista está disposto a arrisca a ordem em nome da democracia e de uma distribuição de renda mais igual. Distingue-se, porém, do revolucionário, porque visa apenas reformar a ordem, não destruí-la.

A distinção entre esquerda populista e esquerda moderna também deveria ser clara, mas no Brasil não é. Populista, na acepção que estou aqui usando, é aquele que ignora o problema da escassez econômica. O populista de esquerda quer distribuir renda (e promover o desenvolvimento econômico) aumentando os salários e a despesa pública; o populista de direita quer promover o desenvolvimento aumentando o investimento estatal e os subsídios ao setor privado. Os populistas geralmente usam Keynes como escudo, embora o grande economista fosse o último dos populistas, só admitindo o déficit público em condições muito especiais e por tempo limitado, enquanto que o populista defende o déficit público crônico.

O PSDB é tipicamente um partido de esquerda moderno. Aliás, como o PT. A diferença entre os dois está no grau de esquerda, não no populismo, que é marginal em ambos os partidos. Enquanto o PSDB é claramente um partido de centro-esquerda, no qual os políticos de esquerda e de centro-esquerda são dominantes mas há também uma centro-direita, no PT não existe uma centro-direita, concentrando-se a disputa interna entre a esquerda e a centro-esquerda.

Os principais líderes do PSDB, como Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas, são tipicamente homens de centro-esquerda. Fernando Henrique, como Ministro da Fazenda, sabe que o combate ao déficit público é sua primeira prioridade. E sabe também que o combate sem quartel à inflação, embora possa ser um programa da direita, é antes de mais nada um projeto da esquerda, já que nada é mais concentrador de renda hoje no Brasil do que o processo inflacionário. Os ricos estão defendidos pela indexação, e alguns muito ricos ganham muito com a alta inflação, enquanto que os pobres - os únicos que ainda são parcialmente desindexados - são os grandes perdedores.

Uma sociedade capitalista moderna só é governável democraticamente se nela houver a alternância no poder entre uma esquerda e uma direita modernas. Os conservadores modernos ou populistas, ao manterem no Brasil uma situação de apartheid social, e ao procurarem destruir o Estado em nome de uma moda ideológica neo-liberal, são agentes da ingovernabilidade, da mesma forma que os progressistas populistas, ao não perceberem que o déficit público imobiliza o Estado e provoca a inflação, destroem o seu próprio projeto de uma sociedade mais justa.